



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

**Métodos de ensino de História utilizados nos Anos Finais do Ensino
Fundamental nas escolas públicas do Distrito Federal**

ALINE PIRES DA SILVA ARAÚJO

BRASÍLIA

2023

Aline Pires da Silva Araújo

**Métodos de ensino de História utilizados nos Anos Finais do Ensino
Fundamental nas escolas públicas do Distrito Federal**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em História

Orientadora: Profa. Dra. Susane Rodrigues de Oliveira

Brasília
2023

AGRADECIMENTOS

Dedico esse artigo, fruto da minha trajetória na Universidade de Brasília (UnB), à minha família. O empenho e dedicação da minha mãe Lurdes e do meu pai Marcelo que são a base, minha segurança, aqueles que sempre me incentivaram e apoiaram minhas decisões. Desde muito pequenininha, enxergavam em mim interesse pelos livros e cadernos e fizeram o possível para que eu tivesse uma boa educação, sendo sempre figuras presentes na minha vida escolar, principalmente a minha mãe. Portanto, eu lhes sou imensamente grata. Agradeço aos meus irmãos que mesmo sem perceber, em momentos difíceis da minha caminhada, me motivaram a continuar, pois me lembravam do meu desejo de ser para eles exemplo e inspiração de resiliência e esforço. Agradeço também ao meu padrasto Tio Ailton e minha madrastra e grande amiga Patrícia que também são pessoas importantíssimas para o meu crescimento.

Agradeço ao meu marido, Junior, que foi quem me incentivou a cursar História e me mostrou novas possibilidades de futuro. Quando eu estava totalmente perdida, ele foi meu “farol” e inúmeras vezes pegou na minha mão para que eu pudesse seguir. Ele é para mim inspiração de professor, de profissionalismo e responsabilidade, e que nunca me permitiu desistir dos meus objetivos, me apoiando sempre quando eu mais precisei.

Gostaria de agradecer especialmente a duas amigas maravilhosas, uma professora de matemática que me auxiliou na produção dos gráficos, além das dezenas de discussões sobre o tema que foram imprescindíveis para a conclusão deste artigo. A segunda professora de Português, minha prima querida, que me ajudou tantas e tantas vezes, me dando dicas e conselhos, opinando sobre os meus textos, por isso muito obrigada Gabi e Kellita.

Agradeço também à professora Dra. Susane Rodrigues de Oliveira que acreditou em mim e que em meio a tantas complicações aceitou me orientar, e realmente foi uma mentora, que me deu um norte, quando eu estava completamente sem direção. Muito obrigada pela paciência, pela compreensão, pela parceria e por dividir comigo seu conhecimento de forma sempre muito respeitosa e gentil. Quero agradecer também a cada professor e professora da UnB que fizeram parte de alguma forma da minha formação acadêmica.

Nada disso seria possível sem a provisão Divina. Sou eternamente grata ao

meu Deus que me sustentou até aqui, colocando pessoas maravilhosas no meu caminho, amigos, familiares, professores/as, pessoas desconhecidas, que simplesmente foram gentis. Deus me guiou por todo esse tempo e quando eu tropecei Ele me amparou. Até aqui o senhor me ajudou.

“Esforça-te, e tem bom ânimo; não te atemorizes, nem te espantes, porque o Senhor teu Deus está contigo, por onde quer que andares”. Bíblia Sagrada (Josué 1, 9).

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise dos métodos de ensino de História utilizados nas escolas públicas do Distrito Federal. Esta investigação teve como fonte um conjunto de transcrições de entrevistas realizadas com trinta e oito (38) professores/as de História que atuam nos Anos Finais do Ensino Fundamental. Estas transcrições foram selecionadas em um banco de dados digital do Laboratório de Ensino de História da UnB. Na análise dessas entrevistas priorizou-se um cruzamento do perfil destes/as professores/as com as suas escolhas metodológicas para as aulas de História. Foram identificados o uso de nove (09) métodos: aula expositiva, roda de conversa, sala de aula invertida (seminários), atividades/exercícios, estudo dirigido, análise de fontes, aula de campo, debate e jogo. Dentre eles a aula expositiva é a mais mencionada.

PALAVRAS-CHAVES: Ensino de História; Métodos de Ensino; Professores; Entrevista.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo apresentar e discutir os resultados de uma pesquisa sobre os métodos de ensino de História utilizados pelos/as professores/as das escolas públicas do Distrito Federal nos Anos Finais do Ensino Fundamental. Trata-se dos resultados de um projeto de pesquisa desenvolvido entre 14 de novembro e 22 de dezembro de 2022 durante as atividades de estágio supervisionado nas disciplinas de Laboratório do Ensino de História da UnB. Este projeto intitulado “Aprendizagens em História nas escolas do Distrito Federal” tinha por objetivo colaborar com estudos e pesquisas que permitissem aos/às professores/as (em atuação e na formação inicial) refletir sobre práticas e saberes docentes acerca do ensino de História, mas também sobre as opiniões e avaliações dos/as próprios/as estudantes da educação básica sobre o ensino e aprendizagem da História.

A inserção deste projeto de pesquisa nas escolas da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) foi feita por equipes de trabalho compostas por estudantes do curso de licenciatura em História que desenvolveram as seguintes atividades no cotidiano escolar: 1) entrevista com um(a) professor(a) de História; 2) observação de aulas de História, 3) aplicação de questionários e 4) realização de roda de conversa com estudantes de uma turma do Ensino Fundamental. Os questionários e a roda de conversa com os/as estudantes proporcionaram o reconhecimento das perspectivas, representações, concepções, dificuldades e expectativas dos/as próprios/as estudantes em relação à História, ao ensino de História e às aprendizagens da História. As entrevistas buscavam sondar os saberes docentes e as relações entre práticas de ensino e aprendizagens da História, bem como as necessidades e interesses formativos docentes para o ensino de História. A observação em sala de aula teve como foco a participação e o comportamento dos/as estudantes, além de contribuir para a identificação de aspectos e questões que incidem nas aprendizagens da História.

As entrevistas foram realizadas com os/as professores/as regentes de cada grupo de estudantes durante o estágio supervisionado, a partir de um roteiro fechado (previamente estruturado), elaborado e discutido com as professoras Dra. Susane Rodrigues de Oliveira e Dra. Cristiane de Assis Portela, ambas orientadoras de estágio no Laboratório de Ensino de História. Algumas entrevistas foram realizadas

online enquanto outras foram realizadas presencialmente na escola, tendo o áudio gravado e posteriormente transcrito num formulário comum no Google Forms. Estas entrevistas estão arquivadas num banco de dados digital do Laboratório de Ensino de História. Foi no acesso a esses dados que selecionamos as fontes analisadas neste artigo.

Como estudante da disciplina Laboratório de Ensino de História 1 eu também participei do processo de produção dessas entrevistas, em novembro de 2022, durante o estágio supervisionado. Sob a orientação da professora Cristiane de Assis Portela, realizei o estágio no Centro de Ensino Fundamental 05 de Sobradinho (Distrito Federal), onde tive também a oportunidade de entrevistar um professor de História que lecionava para as turmas de 8º e 9º anos.

Durante todo o processo de pesquisa nas escolas, foram entrevistadas/os um total de cinquenta e dois (52) professores/as do Ensino Fundamental (Anos Finais), do Ensino Médio e da EJA de escolas privadas e públicas do Distrito Federal. Porém, recortamos para nossas análises apenas as transcrições das entrevistas de trinta e oito (38) professores/as que atuavam em escolas públicas e no mesmo nível, nos Anos Finais do Ensino Fundamental. Optamos assim por excluir de nossa amostra os/as professores/as da rede privada, da modalidade de ensino Educação para Jovens e Adultos (EJA), do Ensino Médio, e docentes que deixaram de responder para qual turma lecionam, para a constituição de uma amostra mais coesa de pesquisa. Importante dizer que os nomes de todos os professores/as que participaram das entrevistas foram mantidos em anonimato, optamos aqui por nomeá-los como PROFESSOR 1, PROFESSOR 2 e assim sucessivamente, já que na apresentação do projeto na escola ficou acordado com os/as professores/as que não iríamos expor seus nomes na publicação de pesquisas ou estudos baseados em suas entrevistas.

Todas as entrevistas selecionadas para nossa análise seguem o mesmo padrão, são compostas por um total de vinte e nove (29) perguntas e divididas em duas partes. Na primeira parte há três perguntas subdivididas em nove questões sobre o perfil do/a professor/a: como gênero, raça, forma de ingresso na instituição, tempo de atuação, formação inicial e continuada, escola e turmas em que leciona e carga horária semanal exercida. Na segunda parte, o/a docente tinha que responder a outras vinte e seis (26) questões sobre suas concepções acerca do ensino e aprendizagem da História, mencionando metodologias e recursos de ensino, métodos de avaliação e resultados obtidos a partir de suas aulas. No entanto, selecionamos aqui para análise e discussão

apenas as respostas dadas pelos/as professores/as para duas perguntas: “7. Quais são os métodos de ensino mais utilizados por você em suas aulas de História? Você costuma variar os métodos? Você discute estes métodos com os/as alunos/as?” e “8. Como os alunos respondem a esses métodos em termos de participação e adesão à aula? Que métodos de ensino utilizados por você trouxeram os melhores resultados em termos de aprendizagem? Que métodos você considera pouco produtivos em termos de aprendizagem?”. As respostas a estas questões foram categorizadas e analisadas no presente artigo, a partir de um cruzamento com os dados sobre o perfil dos/as professores/as, mas também à luz da bibliografia produzida sobre o ensino de História.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sobre o perfil dos/as professores/as entrevistados/as e selecionados/as, observamos que dezoito (18) deles se declararam como sendo do sexo masculino enquanto vinte (20) se apresentaram como do sexo feminino. Dentre os homens, dez (10) se declararam como brancos, quatro (04) se declaram pardos, dois (02) se declararam negros e um marcou a alternativa “outros” e escreveu “caboclo”¹. Dentre as mulheres, quatro (04) se declararam brancas, oito (08) se declararam como pardas, oito (08) se declararam negras e uma não respondeu a essa questão. Em relação ao quesito cor entendemos que pardo se refere a quem “possui miscigenação de raças com predomínio de traços negros” (CAMILO, 2023). Nesse sentido, optamos por considerar pardos e negros numa mesma categoria de perfil.

Ainda sobre o perfil dos/as professores/as, as entrevistas nos proporcionam dados sobre o grau de formação, o tipo de instituição de Ensino Superior em que se formaram, o tipo de vínculo empregatício e o tempo de atuação na docência. Esses dados foram cruzados também com as metodologias de ensino de História elencadas pelos/as professores/as, com o intuito de observar se existe alguma possível relação com as escolhas metodológicas para suas aulas de História.

Sobre os dados acerca das instituições de Ensino Superior (pública ou privada) em que estes/as professores/as se formaram, observamos que dos/as trinta e sete (37) docentes entrevistados/as apenas um professor não respondeu. Quatorze (14) deles se

¹ Mestiço de branco com índio; cariboca, carijó; antiga denominação do indígena; de cor acobreada e cabelos lisos; caburé, tapuio; encantado (FERREIRA, 1999).

formaram em instituição de Ensino Superior privada, enquanto vinte e quatro (24) em instituições públicas. Dentre os/as graduados/as, dez (10) são de instituições públicas e sete (07) de privadas. Quinze (15) professores/as declararam ter algum tipo de especialização (pós-graduação): seis (06) delas obtidas em instituições privadas e nove (09) em públicas. Três (03) professores/as possuem título de mestrado por instituição pública, enquanto dois (02) têm doutorado, um por instituição privada e outro por instituição pública. No grupo dos/as pós-graduados/as temos oito (08) professores/as brancos/as e sete (07) pardos/negros. Dos/as mestres/as contabilizamos uma professora parda, uma professora negra e um professor branco. No grupo dos/as professores/as que têm doutorado, ambos são brancos.

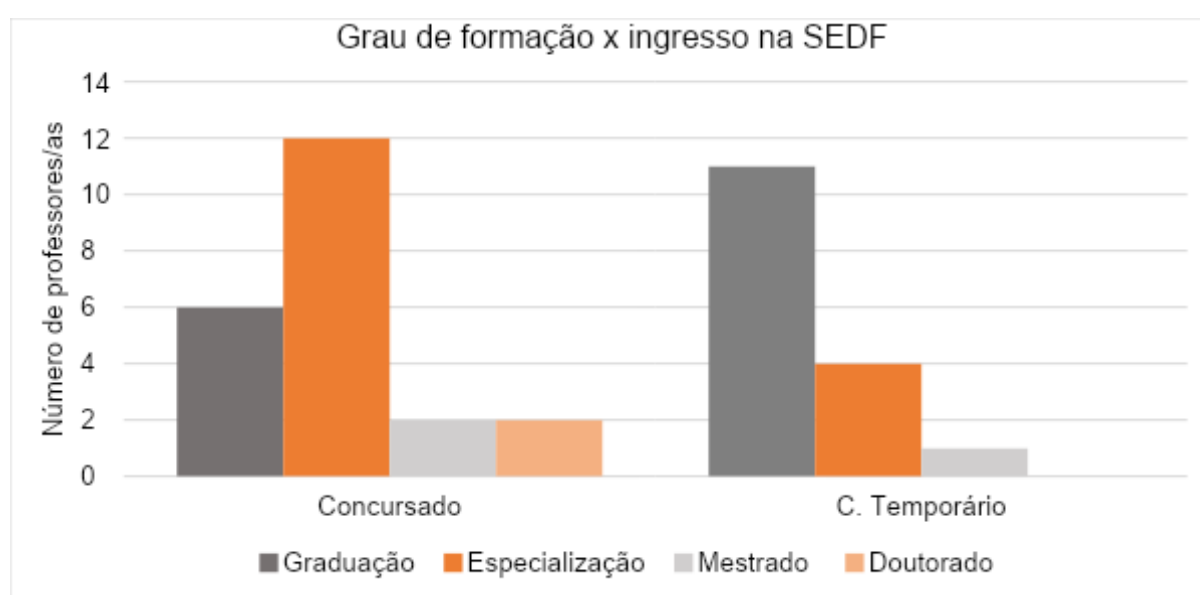
Na relação entre sexo e formação destes/as professores/as, observamos que dos/as trinta e oito (38) professores/as que responderam a entrevista, dezessete (17) são graduados/as em História, e a maioria significativa são mulheres. Treze (13) são do sexo feminino, enquanto apenas quatro (04) são do sexo masculino. Esse cenário muda quando se trata de formação em nível de pós-graduação (especialização), dentre os/as dezesseis (16) que possuem especialização, onze (11) são do sexo masculino e somente cinco (05) são do sexo feminino. Estes dados indicam certa discrepância em termos de gênero no nível de formação destes/as professores/as. Já entre os que possuem mestrado, temos duas mulheres e um homem, e com doutorado temos um homem e uma mulher.

Quanto à forma de ingresso do/a docente na Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEEDF) e seu tipo de vínculo empregatício, vinte e dois (22) declararam ter ingressado por meio de concurso público para efetivo, enquanto, dezesseis (16) ingressaram pelo Processo Seletivo Simplificado para professor/a substituto/a. É interessante mencionar que esses dados acerca do quantitativo de docentes concursados/as e contratados/as, divergem dos dados atuais e mais amplos sobre os/as professores/as da rede pública de ensino do Distrito Federal. Segundo uma matéria publicada recentemente no site de notícias Metrôpoles, uma pesquisa feita pela Lei de Acesso à Informação (LAI), 71,6% dos/as professores/as da SEEDF são substitutos/as (DUTRA, 2023). Esses são dados gerais, que contaram com professores/as de todas as disciplinas e de todos os níveis da Educação Básica, incluindo a modalidade EJA. Já a nossa pesquisa, a partir de uma amostra mais limitada, composta só por trinta e oito professores/as de História, revela que a maioria entre os concursados são mulheres, sendo treze mulheres e nove homens. Além disso, a maioria deles é de cor negra e

parda, totalizando doze professores/as, enquanto oito são brancos/as.

No gráfico abaixo (Gráfico 1) cruzamos o grau de formação dos/as professores com as formas de ingresso na SEEDF. Estes dados indicam que professores/as concursados/as têm maior grau de formação acadêmica que os/as professores/as substitutos/as. Mesmo que o número de professores/as seja maior entre os concursados/as ainda assim, há uma discrepância no grau de formação acadêmica entre eles/as.

GRÁFICO 1



FONTE: Gráfico produzido pela autora deste artigo.

Estes dados podem estar relacionados ao fato de que os/as professores/as concursados/as efetivados/as na rede pública têm um incentivo maior para a realização de especializações com bolsas e licenças para fazer especialização, mestrado e doutorado, por exemplo. Além disso, o salário dos/as professores/as também têm reajustes seguindo o plano de carreira. O Art. 2 § 14º da lei nº 5105 de 03/05/2013 prevê a progressão horizontal aos/as professores/as que continuam sua formação continuada. Além disso, estes dados podem estar relacionados também ao tempo de atuação na docência, porque uma parte dos/as professores/as temporários/as são recém graduados.

Ao serem indagados de uma só vez sobre “Quais são os métodos de ensino

mais utilizados por você em suas aulas de História? Você costuma variar os métodos? Você discute estes métodos com os alunos?”, boa parte dos/as professores/as acabou concentrando suas respostas apenas na primeira questão. Com isso, observamos que questões com mais de uma pergunta, não foram plenamente respondidas pelos/as professores/as durante a entrevista.

A seguir apresentamos algumas respostas obtidas para a primeira indagação, “Quais são os métodos de ensino mais utilizados por você em suas aulas de História?”:

PROFESSOR 1: Livro didático, quadro, textos paradidáticos, debate em sala de aula, são os principais meios. Não (varia os métodos), de vez em quando um filme, um trecho de documentário, o texto paradidático ajuda nessa questão, mas não, sigo a BNCC e o livro. O que não quer dizer que o próprio livro não dá margem para você tratar de outros assuntos, o próprio aluno pergunta outros assuntos que enriquecem a aula. As aulas...eu como professor, as aulas são sempre dialogadas.

PROFESSOR 2: Uso muitas imagens e vídeos. Além dos materiais didáticos já estabelecidos, tento trazer outros materiais externos e influencio os alunos a buscar outras fontes para complementar seus estudos.

PROFESSOR 3: Aulas expositivas, slides, exercícios, estudos dirigidos e filmes.

PROFESSOR 7: No atual momento da minha vida, eu tô usando métodos tradicionais como livro didático, explicação do conteúdo e saídas de campo, mas já usei outros, como música, filmes, debates, gincanas, etc.

PROFESSOR 8: Sou adepto da aula expositiva, de contar a História e os fatos para eles e fazendo com que participem questionando e/ou debatendo. Uso vídeos curtos, para terem uma visão dos fatos e fazerem interpretações.

PROFESSORA 13: O principal método de ensino que eu uso nas minhas aulas é a aula expositiva de maneira geral. O que eu faço é tentar variar entre as maneiras como eu dou essa aula. (...) eu sempre vou conversando com eles, tento primeiro partir de alguma ideia por exemplo que eles talvez já conheçam antes da gente começar algum conteúdo novo. Então eu sempre trago uma pergunta sobre algo que a gente vai estudar pra ver se eles conhecem, se eles sabem alguma coisa sobre aquele assunto e aí eu vou explicando o conteúdo.

Nessas respostas notamos que alguns/algumas professores/as não separam métodos de materiais ou recursos didáticos. Em alguns casos eles/elas citaram o uso de

recursos didáticos (livro didático, quadro, textos paradidáticos, filmes, música, slides, imagem, vídeos, documentários). Esse tipo de resposta nos deixa algumas dúvidas, pois mesmo que variem os materiais ou recursos didáticos nas aulas, não sabemos se os métodos utilizados nessas abordagens mudam ou permanecem os mesmos. O Professor 7 ao usar o livro didático classifica como método tradicional a sua aula. Já o Professor 1 diz usar livros didáticos, textos paradidáticos e filmes em suas aulas que são sempre dialogadas.

Com base na bibliografia sobre ensino de História, compreendemos que os métodos constituem os “meios” ou “caminhos” escolhidos para chegar ao conhecimento ou aprendizagem. Recursos são os materiais, por assim dizer, utilizados para percorrer tais caminhos. “Recursos são os materiais disponíveis para a ação didática. Entre eles, estão os recursos humanos, dentre os quais se destaca o professor” (SCHMIDT; CAINELLI 2004, p. 37). Como bem explicam Schmidt e Cainelli, essa confusão é comum,

no dia a dia do magistério, serem consideradas sinônimos determinadas palavras e expressões, como procedimento histórico, método ou abordagem didática, técnicas de ensino, recursos didáticos, materiais e estratégia de ensino. Todas elas, é claro, referem-se a um conjunto de ações necessárias às atividades didáticas que não têm o mesmo significado (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p. 37).

Na leitura das respostas dadas pelos/as professores/as a essa primeira indagação buscamos separar/categorizar, o que se classifica claramente como método de ensino e o que se apresenta como recurso didático. Dessa forma, identificamos vinte (20) recursos didáticos apontados em suas metodologias de ensino de História, dentre eles quadro, documentários, cartolina, música, filmes, mapas, textos, vídeos, filmes, jornais, imagens, slides, revistas/livros, mapas mentais, TV, computador, projetor, documentos e tinta, etc. Dentre os métodos de ensino, conseguimos identificar nove (09) tipos, sendo eles: aula expositiva, roda de conversa, sala de aula invertida (seminários), atividades/exercícios, estudo dirigido, análise de fontes, aula de campo, debate e jogo. Como alguns professores/as não fazem essa distinção entre recursos didáticos e métodos, iremos considerar aqui o entendimento deles de que esses recursos se ligam também à variedade de métodos que usam em suas aulas.

Podemos observar também que o método de ensino “aula expositiva” é disparado o mais utilizado entre os/as docentes, sendo mencionado por vinte e três

(23) professores/as dos trinta e oito (38) entrevistados/as. “Estudo dirigido” é o segundo método mais mencionado, constando onze (11) vezes. Os métodos “sala de aula invertida”, “atividades” e “debate” são citados dez vezes, seguidos por “jogos” (mencionado por oito professores/as), “análise de fontes” sete vezes mencionado, “aula de campo” (mencionado por dois professores/as). Já o método de “roda de conversa” foi mencionado apenas uma vez”.

Nas entrevistas notamos que a maioria dos/as professores/as menciona como método de ensino de História a aula expositiva. Porém, entendemos que a exposição oral enquanto método varia muito em sala de aula. Para compreender melhor o tipo de aula expositiva mencionada por eles/elas, precisaríamos observar as aulas destes/as professores/as e fazer novas entrevistas. Como bem disse Cunha, “só com uma análise aprofundada, podemos perceber a riqueza e a diversidade dos seus usos” (2006, p. 110). Nesse ponto, só uma professora fez uma descrição importante que nos indica um tipo de aula expositiva dialogada, onde ela assume também o papel de narradora:

PROFESSORA 12: Sou adepto da aula expositiva, de contar a História e os fatos para eles e fazendo com que participem questionando e/ou debatendo.

Quando ouvimos ou nos deparamos com algum/alguma docente dizendo que utiliza de aulas expositivas como metodologia de ensino, há quem julgue esse/a docente como conservador/a ou “tradicional”, como se estivesse promovendo a educação “bancária” tão criticada por Paulo Freire (2000). A aula expositiva como procedimento metodológico foi muito associada ao que se precisava superar no ensino de História (CUNHA 2006 p. 109). Como bem assinalada Schmidt,

Apesar de contínuas e sistemáticas, estas críticas não têm identificado as particularidades do uso da oralidade no ensino de História, no sentido de inventariá-las e desnaturalizá-las, recuperando a sua historicidade, identificando os seus usos na prática atual de sala de aula, na tentativa de entender seus limites e possibilidades (2003, p. 1).

Entretanto, os estudos de André Victor Cavalcante Seal Cunha sobre os usos da oralidade como método de ensino de História, nos mostram que a aula expositiva nem sempre é sinônimo de uma aula monótona, onde o/ professor/a se passa como o

“detentor” do conhecimento e o/a aluno/a como um sujeito passivo enquanto receptáculo de conhecimento. Através de observações em sala de aula e de entrevistas com professores/as de História, o autor identificou uma variedade de usos da oralidade em sala de aula, e que por isso há diferenças e tipos diversos de aula expositiva. Alguns/algumas professores/as podem usar esse método também para promover uma aula baseada nos conhecimentos prévios dos estudantes, demonstrando “respeito ao saber dos discentes” (FREIRE, 2000, p. 33). De acordo com Cunha,

Percebemos que a oralização do saber histórico escolar mostrou ser um elemento intrínseco à cultura profissional docente, não podendo ser inexoravelmente associada a uma perspectiva inovadora ou conservadora em si mesma. A riqueza e a diversidade dos fenômenos nos possibilitaram vislumbrar a complexidade que caracteriza o ensino de História vivido e praticado nas salas de aula (2006, p. 107).

Assim, Cunha nos convida a conceber a aula expositiva dialogada como parte também de uma “pedagogia ativa, centrada na iniciativa dos alunos, no diálogo (relação dialógica), na troca de conhecimento” (SAVIANI, 2001, p. 68). A aula expositiva pode ser usada também para a promoção de questionamentos e debates junto à turma. Segundo Lopes,

Uma alternativa para transformar aula expositiva em técnica de ensino capaz de estimular o pensamento crítico do aluno é dar-lhe uma dimensão dialógica. Esta forma de aula expositiva utiliza o diálogo entre professor e alunos para estabelecer uma relação de intercâmbio de conhecimentos e experiência (1996, p. 42).

Estes estudos nos mostram que a aula expositiva contempla muitas possibilidades, por isso mesmo é o método mais mencionado pelos/as os/as professores/as de História no DF. Esses dados suscitam assim a necessidade de mais estudos e pesquisas sobre os usos da oralidade nas aulas de História nas escolas do DF.

Dentre as poucas respostas para a pergunta “Você discute esses métodos com os alunos?”, destacamos as seguintes:

PROFESSORA 4: Discuto muito, eu sempre gosto de no início do ano fazer uma atividade com eles de “quem gosta de história?”

PROFESSORA 5: Não, não discuto. Porque pra discutir o método com meu aluno eu ia primeiro ter que explicar o método, e se eu fizer isso eu não cumpro o tempo que eu tenho pra dar aula de História.

PROFESSOR 6: Discuti com meus alunos os métodos no início do ano, mas durante o ano letivo não o fiz, inclusive acredito que este é um ponto que posso melhorar, já que acredito que a participação dos alunos é fundamental para o processo de ensino-aprendizagem.

Ainda que os/as professores/as entendam a necessidade da inclusão ativa dos/as estudantes/as na construção do seu planejamento, há obstáculos que os impedem, como o tempo e a falta de recursos.

Já na relação dos métodos de ensino de História com o perfil dos/as professores/as que responderam às entrevistas, observamos que a mesma quantidade de métodos é utilizada por professores/as oriundos de instituições de Ensino Superior (pública ou privada) diferentes, ambos em geral usam os nove métodos mencionados acima. Isso nos indica que o tipo de instituição de Ensino Superior (privada ou pública), onde os/as professores/as tiveram sua formação inicial, não faz tanta diferença no modo como variam seus métodos de ensino de História. Porém, percebemos que há uma preferência majoritariamente entre os/as professores/as que se formaram em instituições de Ensino Superior pública por aulas expositivas, atividade e jogos, enquanto os/as que se formaram na rede privada são maioria no uso de métodos como análise de fontes, estudo dirigido e sala de aula invertida. Lembrando que não se trata apenas de um método de ensino por docente, pois cada professor/a mencionou na entrevista mais de um método de ensino.

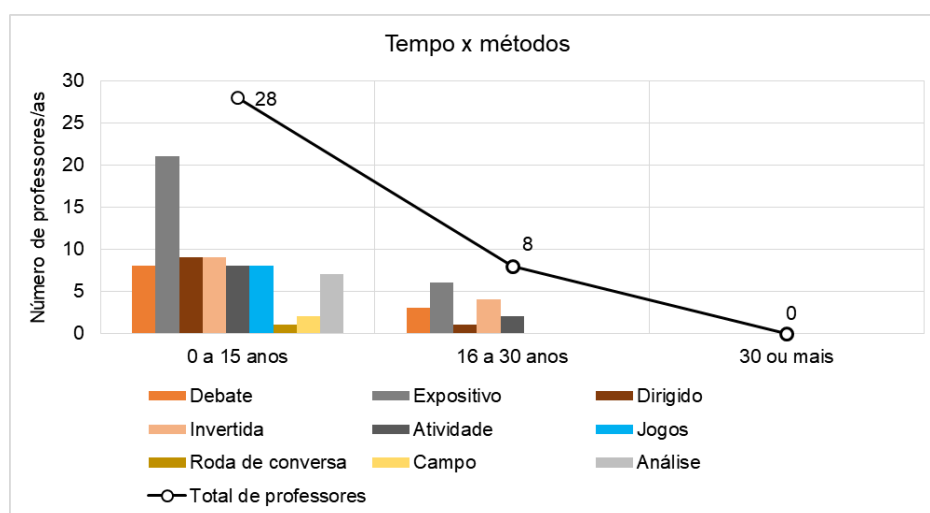
A princípio, a escolha dos métodos de ensino de História também podem estar relacionadas ao tipo de formação inicial e ao tempo de experiência na docência. Como afirma este professor:

PROFESSOR 9: Quando comecei a dar aula eu lembro de reproduzir aquilo que via na universidade, chegar em sala de aula e falar, não lembro muito se funcionou...

Assim, observamos que as escolhas metodológicas e, sobretudo, sua variação mudam também a partir das experiências acumuladas ao longo do tempo em sala de aula. No próximo gráfico (Gráfico 2) traçamos uma relação entre o tempo de atuação na carreira de magistério de cada docente e os métodos de ensino mencionados por cada um durante a entrevista. Notamos que todos os/as professores/as com tempo de atuação inferior a quinze anos de docência utilizam-se de pelo menos mais de um método de ensino, enquanto que os/as professores/as com tempo de atuação superior a

quinze anos tendem a variar bem menos nos métodos de ensino. Além disso, os métodos usados por esses/as professores/as com mais tempo de docência são pouco mencionados por aqueles/as com menor tempo de atuação. Porém, é importante atentar para a quantidade de professores/as em cada categoria, a maioria dos/as professores/as entrevistados/as, vinte e nove (29) deles têm entre um e quinze anos de atuação, enquanto apenas nove (09) professores/as têm mais de quinze anos de docência.

GRÁFICO 2



FONTE: Gráfico produzido pela autora deste artigo.

Há um contingente muito superior de professores/as com menos de 15 anos de atuação nas escolas, e são estes/as que dizem utilizar uma variedade maior de métodos de ensino de História em suas aulas. No entanto, com o passar do tempo na docência, sobretudo diante das experiências adquiridas, os/as professores/as parecem variar cada vez menos, se prendendo aos métodos que eles consideram mais eficazes. Como afirma esta professora:

PROFESSORA 10: Anteriormente quadro, atualmente debates, livros, filmes... coisas que possam associar a matéria. Esses métodos foram sendo estabelecidos através do diálogo com os alunos.

Além disso, a variação dos métodos foi também associada à falta de recursos didáticos disponíveis nas escolas e ao tempo curto e corrido das aulas. Sobre isso, um professor disse o seguinte:

PROFESSOR 11: É a gente não tem assim uma diversidade metodológica muito grande, porque a rede pública não permite isso, então a gente tem que limitar, a gente faz assim um feijão com arroz (...) não temos uma equipe que trabalha para instalar Datashow para a gente chegar e estar tudo pronto e nosso tempo é muito corrido (...).

Sobre essa questão da falta de recursos e de outros problemas enfrentados nas escolas que de certo modo interferem nas escolhas metodológicas de ensino dos/as professores/as, observamos que em maio de 2023 ocorreu uma greve dos/as professores/as e orientadores/as educacionais, que teve a duração de 22 dias. Além do reajuste salarial, nomeação dos/as candidatos/as aprovados/as no concurso SEEDF de 2022, uma das pautas dos grevistas incluía também a falta de recursos, a precarização das escolas públicas do DF e a superlotação das salas de aulas. O Sindicato dos Professores do Distrito Federal (Sinpro-DF) em um post patrocinado no site do Metrôpoles afirmava que segundo o Tribunal de Contas do DF, um terço das unidades visitadas na “Operação Educação” tinha problemas sérios também com segurança.

(..) Além disso, o Sinpro-DF vem denunciando a dificuldade de acesso às escolas e a situação de salas de aula superlotadas, com até 47 estudantes. A categoria do magistério e toda a comunidade escolar têm perdas com as condições inadequadas de aprendizagem, que prejudicam principalmente alunos com deficiência. Nesse último caso, além de prejuízo no processo educacional, o descaso com a educação gera sofrimento aos familiares (SINPRO-DF, 2023).

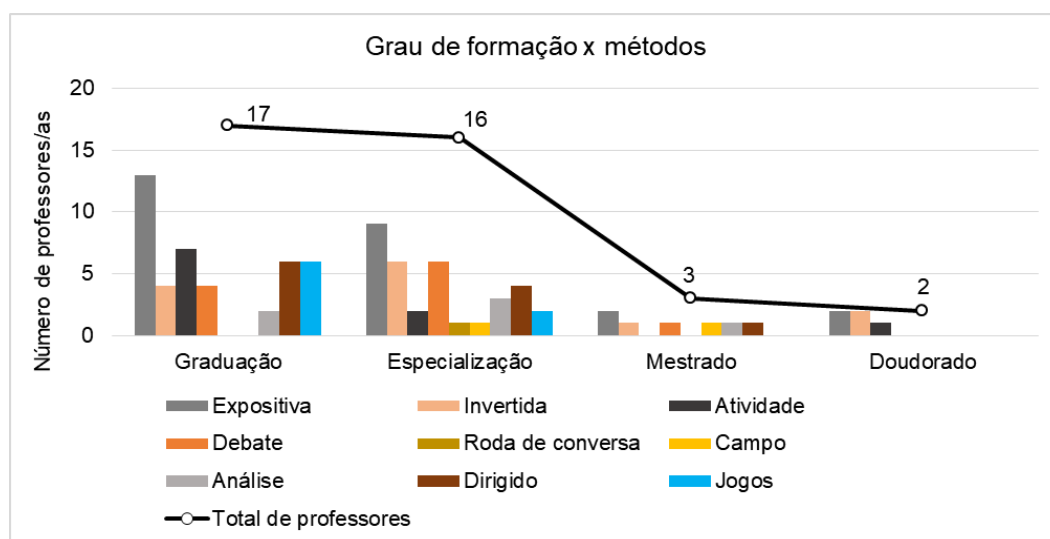
Corroborando com esses dados, o site do Sinpro-DF, em uma notícia de 2022 sobre a volta às aulas presenciais (pós-pandemia), denunciava que a superlotação das salas de aulas, a falta de condições sanitárias para o recebimento da comunidade e a falta de professores, orientadores e monitores nas escolas públicas do Distrito Federal faz parte da política de precarização do Governo do Distrito Federal. A jornalista Maria Carla (2022) explicava que essas reclamações vinham principalmente dos pais e até mesmo dos/as próprios/as estudantes. Todos esses problemas estão também relacionados às reclamações feitas por alguns/algumas docentes entrevistados/as, que se queixaram da falta de recursos dentro das escolas e do quanto isso prejudica ou impede a aprendizagem dos/as estudantes.

Além disso, é importante lembrar também do cansaço e desgaste que o/a professor/a sofre durante uma longa carreira de magistério. Há inúmeros registros de

docentes que vêm se aposentando ou apresentando atestado médico por questões de saúde mental. Segundo uma matéria publicada no site G1, a rede estadual de ensino de São Paulo registrou, nos seis primeiros meses deste ano (2023), um total de 20.173 professores afastados por questões relacionadas à saúde mental, um aumento de 15% em comparação ao mesmo período de 2022, são 112 professores afastados por dia devido a transtornos e doenças psiquiátricas, como depressão, ansiedade e crise de pânico. (JESUS, MELO, 2023). Embora estes dados sejam do estado de São Paulo, sabemos que no Distrito Federal isso também acontece.

No gráfico a seguir (Gráfico 3), relacionamos o grau de formação dos/as professores/as entrevistados/as com os métodos de ensino mencionados por eles/elas na entrevista. Em um primeiro momento, percebemos uma maior diversidade de métodos de ensino entre os/as professores/as com pós-graduação, que mencionaram todos os nove métodos de ensino catalogados. No entanto, é importante nos atentar para a quantidade de docentes em cada grau de formação.

GRÁFICO 3

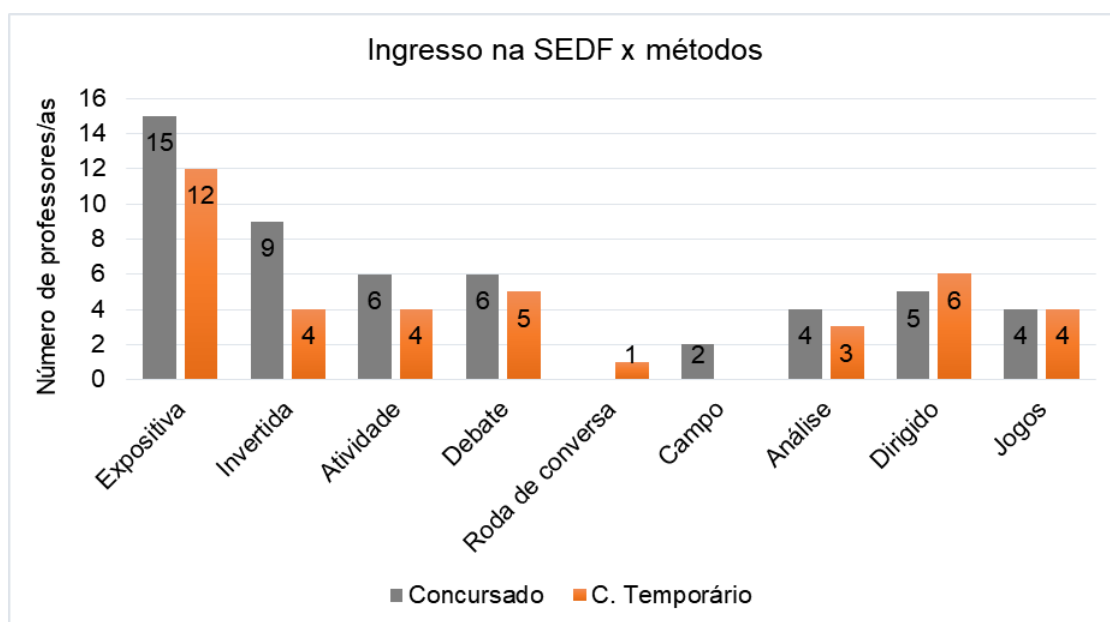


FONTE: Gráfico produzido pela autora deste artigo.

Dentre os/as professores/as, há um total de dezesseis (16) com especialização e apenas três (03) com mestrado, uma diferença enorme no quantitativo que precisa ser considerada no momento de estabelecer essas relações. No grupo destes três professores/as com mestrado, foram mencionados apenas seis métodos de ensino: sala de aula invertida, debate, estudo dirigido, aula expositiva, aula de campo e análise de

fontes. Os/as professores/as com doutorado (apenas dois docentes) são os/as que utilizam de uma menor variedade de métodos de ensino, já que apenas três métodos foram mencionados por eles/as: aula expositiva, atividades e sala de aula invertida. Já os dezessete (17) professores/as que possuem só graduação mencionaram sete métodos de ensino: dois métodos a menos que os/as que possuem especialização. Mesmo considerando a quantidade de professores/as em cada grau de formação, ainda sim é notório que há uma diversidade de métodos muito maior entre os/as professores/as com especialização. Esses dados nos indicam também a importância da formação continuada em nível de especialização para o aperfeiçoamento ou ampliação das ações de docência em História.

GRÁFICO 4



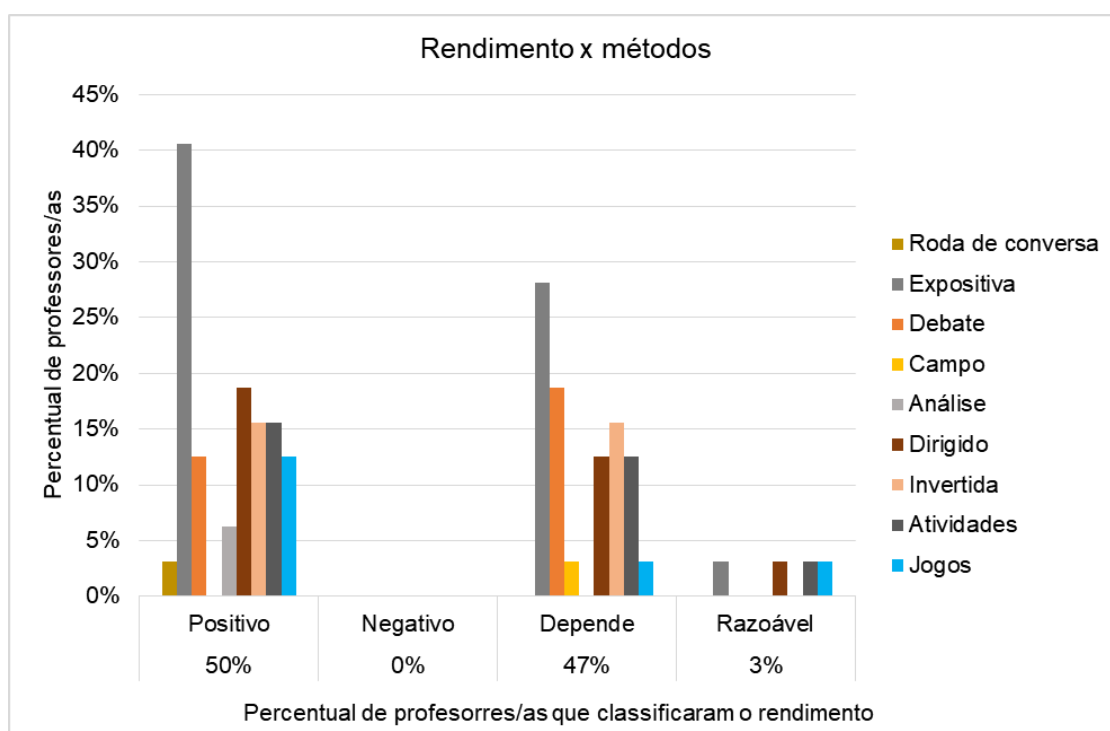
FONTE: Gráfico produzido pela autora deste artigo.

No gráfico acima (Gráfico 4) relacionamos os métodos de ensino utilizados pelos/as professores/as de História com as formas de ingresso na SEEDF, ou seja, se ele/ela é um/a professor/a concursado ou se é um/a professor/a substituto/a. Na leitura do cruzamento destes dados observamos que há um certo equilíbrio entre os métodos e o tipo de ingresso na SEEDF. Todos utilizam quase os mesmos métodos de ensino, com exceção de roda de conversa (mencionada uma vez por um/a professor/a de contrato temporário) e saída de campo (mencionado uma vez por um/a professor/a concursado/a). Esses dados apontam também que o método da sala de aula invertida é

mais utilizado pelos/as professores/as concursados/as. Na análise deste gráfico temos que ponderar também que o número de professores/as concursados/as é maior que o número de professores/as em situação de contrato.

Sobre as respostas dos/as professores/as para a questão “Como os alunos respondem a esses métodos em termos de participação e adesão à aula? Que métodos de ensino utilizados por você trouxeram os melhores resultados em termos de aprendizagem?”, apresentamos abaixo um gráfico (GRÁFICO 5).

GRÁFICO 5



FONTE: Gráfico produzido pela autora deste artigo.

A metade dos/as professores/as consideram seus métodos de ensino “positivos” em termos de participação e aprendizagem dos/as alunos/as em sala de aula. Interessante observar que estes são mesmos/as professores/as que dizem utilizar vários métodos de ensino (nove no total). Já aqueles/as que classificam como “razoável” essa participação e aprendizagem utilizam apenas quatro dos métodos mencionados: aula expositiva, estudo dirigido, atividades e jogos. Assim destacamos algumas respostas:

PROFESSORA 15: Quando a gente faz um seminário, porque aí se consegue uma interação da maioria, a gente joga a bola para eles e eles procuram protagonizar ali alguma situação do estudo, do conteúdo, seminário é bom. A aula expositiva, rotineira não dá muito resultado não, eles dormem, se cansam e acaba a gente se cansando também, o professor.

PROFESSORA 16: Eles respondem de uma maneira muito positiva. Porque eu acho que eles se sentem parte do processo [...].

PROFESSORA 17: Quando é apresentação de slides e imagens, eles participam bastante. Tem turmas que são mais participativas, mas tem outras que são mais apáticas. Mas grande parte dos alunos interagem bastante. Agora a atividade, a adesão é muito baixa.

PROFESSORA 20: Os alunos normalmente respondem mais a métodos mais participativos, voltados para a apresentação de trabalhos, optando menos por filmes, documentários, pois enjoam depois de um certo período.

Vejamos abaixo algumas das respostas dos/as docentes/as que avaliam essa participação e aprendizagem como variável, na categoria que classificamos como “depende” no gráfico acima:

PROFESSOR 7: a resposta das turmas vai variar com o perfil da turma, né? Eu tenho dez turmas e aí cada uma responde de uma maneira diferente, ... tem turma, por exemplo que gosta mais, por exemplo ... de explicação, explanação, tem turma que gosta mais de jogo, tem turma que presta mais atenção e responde mais quando eu passo atividade no livro, tem turma que já gosta mais de filmes, aí é muito heterogêneo, né?

PROFESSORA 5: Depende. Isso não é uma resposta absoluta. Depende da turma, depende do dia, depende do clima, depende de muita coisa. A turma reage super bem ou super mal a aulas muito parecidas, dependendo de como tá a turma(...).

PROFESSORA 14: Varia de turma para turma, mas quando é metodologia ativa a resposta é ruim, pois eles são acostumados com o ensino tradicional, e na metodologia ativa eles tem que pensar sem somente copiar e reproduzir. Atividades em grupo são mais trabalhosas, mas o resultado é melhor. Pouco produtiva, copiar textos do quadro.

PROFESSOR 21: Alguns participam bastante, outros de forma alguma. Aula expositiva funciona bem. Acredito que todos os métodos podem ser aproveitados, pois os alunos são diferentes, conseqüentemente, cada um tem um jeito diferente de aprender.

Já outra professora, ao abordar essa questão, chama atenção para importância de sua formação inicial:

PROFESSORA 13: Saio da Educação Bancária, tradicional. A diversificação da metodologia é algo que trouxe do início do meu magistério e creio que isso é importante para os alunos.

Frente a esses resultados constatamos que o uso de vários métodos de ensino pode colaborar mais na participação e aprendizagem dos/as alunos/as durante as aulas, pois o processo de ensino-aprendizagem varia muito de uma turma para outra. Não existem dois cérebros semelhantes, por isso as pessoas não aprendem de forma igual (COSENZA; GUERRA, 2011).

CONCLUSÕES

Essa pesquisa revela a potencialidade dos dados arquivados digitalmente no Laboratório de Ensino de História, resultados de pesquisas realizadas durante o estágio supervisionado nas escolas do DF. A análise das transcrições de trinta e oito (38) entrevistas com professores/as de História que atuam nos Anos Finais do Ensino Fundamental, fornece-nos uma amostra representativa dos métodos de ensino de História mais usados nas escolas públicas do DF. No total, foi possível identificar o uso de nove (09) métodos: aula expositiva, roda de conversa, sala de aula invertida (seminários), atividades/exercícios, estudo dirigido, análise de fontes, aula de campo, debate e jogos. Dentre eles a aula expositiva é a mais mencionada.

Na análise realizada optamos por não considerar como método de ensino os vários recursos didáticos mencionados pelos/as professores/as. Estamos cientes de que isso gera algumas limitações e problemas na forma de interpretação das entrevistas. Para isso seria necessário também um cruzamento com os relatórios de observação das aulas produzidos durante os estágios supervisionados. No cruzamento da variedade de métodos mencionados nas entrevistas com o perfil destes/as professores/as (grau de formação acadêmica, tipo de instituição e formação, tempo de atuação na docência e tipo de vínculo empregatício) buscamos apresentar e discutir algumas pistas sobre as escolhas metodológicas por parte destes/as professores/as, cientes de que estes dados e

a maneira como foram coletados (produzidos e transcritos) nos impõe também algumas limitações. Por isso, essa pesquisa não tem a pretensão de ser conclusiva, deixando muitas possibilidades em aberto. Os saberes e práticas docentes merecem mais reconhecimento e estudos para que possamos pensar e avaliar cada vez mais a formação inicial e continuada de professores/as de História, tendo por base as demandas e necessidades provenientes de suas experiências em sala de aula.

REFERÊNCIAS

AVALIAÇÃO UnB. **Relatórios de perfil de estudantes**. Disponível em <<https://avaliacao.unb.br/perfil-dos-estudantes>>. Acesso em 01/11/2023.

CAMILO, Adriana Almeida. **Que categorias o Censo IBGE utiliza para raça e cor?** [S. l.]: TJDF, junho de 2023. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/acessibilidade/publicacoes/sementes-da-equidade/que-categorias-o-censo-ibge-utiliza-para-raca-e-cor#:~:text=Pardo%20se%20refere%20a%20quem,com%20predom%C3%ADnio%20de%20tra%C3%A7os%20negros>. Acesso em: 06 de nov. 2023

CARLA, Maria. GDF Impõe superlotação de salas de aula e intensifica precarização na escola pública. [S. l.] **Sinpro-DF**. 16 de fev. de 2022. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/gdf-impoe-superlotacao-de-salas-de-aula-e-intensifica-precarizacao-na-escola-publica/> Acesso em 10 de dez. de 2023

CARVALHO, Maria Rosário Gonçalves de.; CARVALHO, Ana Magda. (org.). **Índios e caboclos: a história recontada** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, 269 p..

COSENZA, Ramon; GUERRA, Leonor. **Neurociência e educação: Como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CUNHA, André Victor Cavalcanti Seal da. O professor de história como um narrador escolar” ou “os múltiplos usos da oralidade na (re) invenção das narrativas históricas escolares”. **Práxis Educativa**, p. 107-123, 2006.

DISTRITO FEDERAL. LEI Nº 5.105, de 03 de maio de 2023. Reestrutura a carreira Magistério Público do Distrito Federal e dá outras providências. **Sistema Integrado de Normas Jurídicas do DF**. [2023?]. Disponível em: <https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/74206/Lei_5105_2013.html>. Acesso em: 13 nov. 2023.

DUTRA, Francisco. Educação do DF contratou 28 professores efetivos e 15 mil temporários. Brasília: **Metrópoles**, 05 de novembro de 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/educacao-do-df-contratou-28-professores-efetivos-e-15-mil-temporarios>. Acesso em 17/11/2023

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio século XXI**: o dicionário da Língua Portuguesa. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do oprimido. 7.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

JESUS, Cleber; MELLO, Zeldá. 112 professores são afastados por dia em SP por problemas de saúde mental; aumento de 15% em 2023. São Paulo: **TV Globo e G1 SP**, 05 de setembro de 2023. <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/09/05/112-professores-sao-afastados-por-dia-em-sp-por-problemas-de-saude-mental-aumento-de-15percent-em-2023.ghtml>
Acesso 15/11/2023

LOPES, Antonia Osima. Aula Expositiva: Superando o Tradicional. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org.). **Técnicas de Ensino**: Porque Não? Campinas: Papirus, 1996.

OLIVEIRA, Rosane Machado de. História: A necessidade de repensar o ensino de história no âmbito educacional e social. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Edição, v. 5, p. 408-433, 2017.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 34.ed. Campinas: Autores Associados, 2001

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Textos visíveis e invisíveis: o uso da oralidade como método de ensino da história.. In: **II Encontro Internacional Linguagem, Cultura e Cognição** – reflexões para o ensino., 2003, Belo Horizonte-MG: Faculdade de Educação da UFMG, 2003.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene;. **Ensinar história**. São Paulo: Scipione, 2004.

SINPRO-DF. Verdades sobre a greve da Educação. Brasília: **Metrópoles**. Brasília 18 mai. 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/conteudo-especial/verdades-sobre-a-greve-da-educacao>
Acesso em: 10 dez. 2023

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

“Eu, **Aline Pires da Silva Araújo**, declaro para todos os efeitos que o Trabalho de Conclusão de Curso “**Métodos de ensino de História utilizados nos Anos Finais do Ensino Fundamental nas escolas públicas do Distrito Federal**” foi integralmente por mim redigido e que assinaei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.”

Aline Pires da Silva Araújo